Entrevista*

com Alessandra Gotuzo Seabra Capovilla

Pesquisas realizadas na Europa e América do Norte, desde a década de 70, revelaram a importância do método fonológico para a aquisição das habilidades de leitura e escrita.

No Brasil, os primeiros trabalhos desenvolvidos pelo Laboratório de Neuropsicolinguística Cognitiva Experimental do Instituto de Psicologia da USP concluíram que 70% dos problemas de aprendizagem demonstrados por crianças referem-se à dificuldade de decodificar os fonemas, unidades sonoras que compõem as palavras.

Augusto Guzzo Revista Acadêmica foi ouvir a professora Alessandra Gotuzo Seabra Capovilla, mestre, doutora e pós-doutorada em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Docente e pesquisadora dos programas de mestrado e doutorado em Psicopedagogia da Universidade de Santo Amaro e pesquisadora associada pelo CNPq do Laboratório de Neuropsicolinguística Cognitiva do Instituto de Psicologia da USP. É autora de livros e artigos nas áreas de alfabetização, avaliação e remediação de problemas de leitura e escrita e consultora junto a escolas para a implantação do método fônico.

A.G.R.A - Como definiria consciência fonológica?

CAPOVILLA - Consciência fonológica é a habilidade de discriminar e manipular os segmentos da fala, ou seja, palavras, rimas, aliterações, sílabas e fonemas. Trata-se, portanto, de uma habilidade de processamento da linguagem oral. Por exemplo, ao perguntarmos a uma criança se as palavras “cadeira” e “barreira” terminam da mesma forma, estamos fazendo uma tarefa de consciência fonológica no nível da rima. Ao perguntarmos como fica a palavra “alta” se colocarmos o fonema /f/ no início, estaremos fazendo uma atividade de

consciência fonológica no nível do fonema. Enquanto a consciência suprafonêmica, isto é, de palavras, rimas, aliterações e sílabas desenvolve-se sem a necessidade de instrução formal, o desenvolvimento da consciência fonêmica requer experiências específicas, ou seja, instruções formais que explicitem as regras de mapeamento dos sons da fala na escrita alfabética. Assim, para ser capaz de identificar fonemas individuais, a criança precisa receber instrução explícita sobre as correspondências entre os sons e as letras.

A.G.R.A - Quais as origens desta abordagem?

CAPOVILLA - O estudo da consciência fonológica ganhou força na década de 70 em países da Europa e da América do Norte entre pesquisadores que estudavam a natureza dos distúrbios subjacentes a problemas de leitura e escrita. Antes disso predominava, desde a década de 20, a Hipótese do Déficit Visual, segundo a qual os problemas de leitura e escrita devem-se principalmente a dificuldades com o processamento de padrões visuais. Entretanto, a partir dos anos setentas, começaram a se acumular evidências negativas sobre a primazia do envolvimento do processamento visual nos problemas de leitura, ao mesmo tempo em que uma nova série de estudos começou a revelar a importância do processamento fonológico para a aquisição da linguagem escrita. Assim, a Hipótese do Déficit Fonológico substituiu a Hipótese do Déficit Visual e, desde então, tem sido corroborada por um crescente número de pesquisas conduzidas em diversos países do mundo, sempre com evidências contundentes da importância da consciência fonológica para a aquisição da linguagem escrita.

A.G.R.A - Como se processa a relação entre

* Mais informações sobre o tema, consultar:

CAPOVILLA, A.G.S.; CAPOVILLA, F. C. *Alfabetização: método fônico*. São Paulo: Memnon, EDIPUSP, FAPESP, 2002.

a consciência fonológica e a aquisição de leitura e escrita?

CAPOVILLA - Para responder esta questão, é preciso relembrar como ocorre tal aquisição. Segundo pesquisas realizadas na década de 80, a criança passa por três etapas de domínio da linguagem escrita.

No primeiro estágio, o *logográfico*, a palavra escrita é vista pela criança como se fosse uma representação pictoideográfica e visual do referente. Assim, ela trata o texto como se fosse um desenho, não atentando a sua característica alfabética, ou seja, ao código de correspondências entre determinadas letras e combinações de letras, os grafemas, e seus respectivos sons da fala, os fonemas. Neste estágio, a leitura consiste no reconhecimento visual global de uma série de palavras comuns que a criança encontra com grande frequência, tais como seu próprio nome e os nomes de comidas, bebidas e lugares impressos em rótulos e cartazes, como, por exemplo, *Coca-Cola* e *McDonald's*. A escrita também se resume a uma produção visual global.

No estágio *alfabético*, as relações entre o texto e a fala se fortalecem com o desenvolvimento da rota fonológica. A criança aprende o princípio da decodificação na leitura, convertendo as letras do texto escrito em seus sons correspondentes, e o da codificação na escrita, convertendo os sons da fala ouvidos ou apenas evocados em seus grafemas correspondentes. De início, tal leitura por decodificação grafofonêmica, bem como a escrita correspondente por codificação fonografêmica, são muito lentas, e a criança tende a cometer erros na leitura e escrita de palavras em que há irregularidade nas relações entre as letras e os sons, como, por exemplo, *táxi*. No entanto, à medida que a criança tem maior contato com a leitura e a escrita, vai se tornando cada vez mais rápida e fluente em tais habilidades e cometendo cada vez menos erros.

No estágio *ortográfico*, a criança aprende que há palavras que envolvem irregularidade nas relações entre os grafemas e os fonemas. Ela aprende que é preciso memorizar essas palavras, para que possa fazer uma boa pronúncia na leitura

e uma boa produção ortográfica na escrita. Neste ponto, seu sistema de leitura pode ser considerado completo e maduro e a criança passa a tirar vantagem crescente da frequência com que as palavras aparecem, conseguindo lê-las cada vez com maior rapidez e fluência. Ao chegar a este último estágio, a criança não abandona as estratégias anteriores, mas as três estratégias de leitura ficam disponíveis o tempo todo.

Toda uma vasta série de estudos internacionais evidenciam que a habilidade de consciência fonológica, que permite a leitura e escrita alfabéticas, correlaciona-se claramente com o sucesso na aquisição da leitura e da escrita competentes, isto porque, quando a criança consegue perceber que a fala é segmentável em sons e que esses sons são mapeados pela escrita, passa a usar um sistema gerativo que converte a ortografia em fonologia, o que possibilita a leitura de qualquer palavra nova, desde que envolva correspondências grafofonêmicas regulares. Este estágio alfabético é que possibilita o desenvolvimento posterior do estágio ortográfico. Ou seja, o desenvolvimento da consciência fonológica e da leitura e escrita alfabéticas, que usam a de/codificação, é um passo inicial necessário para o desenvolvimento pleno da competência em leitura e escrita.

A.G.R.A - Como estão sendo desenvolvidos os estudos acerca do tema em nosso país?

CAPOVILLA - No Brasil, nosso grupo de pesquisa já desenvolveu vários estudos, mas o tema ainda é bem menos conhecido do que no exterior, inclusive pelos professores universitários dos cursos de Pedagogia. Num primeiro estudo, um procedimento de intervenção foi desenvolvido e aplicado a crianças brasileiras entre quatro e nove anos de idade, alunas de uma escola particular de São Paulo, que apresentavam consciência fonológica abaixo da média. Foram conduzidas 18 sessões ao longo de nove semanas e, ao final destas, as crianças que participaram da intervenção apresentaram ganhos em consciência fonológica, leitura, escrita e conhecimento de letras superiores aos ganhos das crianças que continuaram com a alfabetização regular.

Um segundo estudo realizado por nosso grupo avaliou o impacto do método fônico sobre a alfabetização de crianças de 1^{as} séries de escolas públicas, provenientes de famílias de baixo nível socioeconômico, usando o mesmo delineamento do estudo anterior. Ao final da intervenção, as crianças que participaram das atividades fônicas apresentaram ganhos significativos em consciência fonológica, leitura, escrita e conhecimento de letras maiores ainda do que os das crianças do estudo anterior.

Num terceiro estudo, o mesmo procedimento fônico foi adaptado para poder ser usado pelas próprias professoras em sala de aula. Participaram 345 crianças provenientes de 14 classes de 1^a série do ensino fundamental de escolas públicas. No início do ano, três das 14 professoras foram orientadas sobre como aplicar as instruções fônicas em sala de aula e as demais continuaram com a alfabetização global numa abordagem construtivista. Todas as 345 crianças foram avaliadas no início e no final do ano escolar, de modo a analisar o efeito das instruções fônicas versus as instruções globais sobre o desenvolvimento da competência de leitura. Os resultados mostraram que, na faixa de 0 a 30% do tempo em sala de aula, quanto maior o período dedicado pelas professoras ao ensino de consciência fonológica e correspondências grafofonêmicas, tanto melhor o desempenho dos alunos em leitura e compreensão de textos.

A.G.R.A - A consciência fonológica pode ser considerada como um método pedagógico?

CAPOVILLA - Não, a consciência fonológica não é um método, mas sim uma habilidade necessária para a leitura e a escrita competentes. Atualmente, os métodos fônico e global têm sido os mais usados em todo o mundo para o ensino de leitura e escrita. No método global, a escrita é apresentada à criança por meio de textos, incentivando o aluno a deduzir o sentido das palavras que não conhece a partir das que conhece, ou seja, a partir do contexto. Já no método fônico o aluno recebe instruções explícitas sobre o mapeamento que a escrita alfabética faz da fala,

isto é, sobre as correspondências entre as letras e os sons e participa de atividades para desenvolver a consciência fonológica, a fim de compreender que a fala pode ser segmentada em diferentes níveis como palavra, sílabas e fonemas (ensino metafonológico).

A.G.R.A - Especificamente quanto aos portadores de necessidades especiais, como se desenvolve o processo de aprendizagem por intermédio da consciência fonológica?

CAPOVILLA - Independentemente de ser ou não portador de necessidades especiais, todos os indivíduos precisam desenvolver a consciência fonológica para ter leitura e escrita competentes. Em indivíduos com deficiências físicas ou visuais, o desenvolvimento da consciência fonológica ocorre da mesma maneira que em indivíduos não portadores de necessidades especiais.

No caso da deficiência auditiva, no entanto, o quadro é diferente, porque não há acesso à fonologia; logo, é inviável realizar um trabalho oral de manipulação dos sons da fala. A falta de acesso à fonologia é, inclusive, o que torna a aquisição da linguagem escrita alfabética tão árdua ao deficiente auditivo. Em relação à deficiência mental de moderada a profunda, a habilidade de consciência fonológica dificilmente é adquirida, pois trata-se de uma competência bastante sofisticada cognitivamente.

A.G.R.A - Do ponto de vista prático, quais as implicações e contribuições do tema para a Educação e para o professor em sala de aula?

CAPOVILLA - As pesquisas já mostraram claramente que a consciência fonológica é um pré-requisito para a alfabetização bem sucedida e que as crianças que participam de atividades metafonológicas durante a alfabetização apresentam desempenhos superiores aos de crianças que participam de métodos globais.

Programas que combinam a instrução direta da consciência fonológica e a instrução da correspondência entre grafemas e fonemas são os que mais aceleram a aquisição da leitura. Logo, há uma implicação direta para o professor em sala de aula,

pois este deve introduzir as atividades de consciência fonológica de modo a auxiliar seus alunos durante a alfabetização. Essas atividades devem ser introduzidas, se possível, antes do início da aprendizagem de leitura e escrita, ou seja, com crianças a partir de quatro anos de idade, e prosseguir até a 2ª ou 3ª série do ensino fundamental. Para crianças que estejam apresentando dificuldades com leitura e escrita, as atividades podem ser usadas até a 6ª série do ensino fundamental.

A introdução oficial das atividades de consciência fonológica no currículo já foi feita pelos governos de diversos países, como Estados Unidos, Inglaterra, França, Alemanha, Israel, Canadá, Dinamarca, dentre outros.

A.G.R.A - É crescente o quadro de analfabetismo funcional, consequência, entre outras razões, da adoção da progressão continuada. A consciência fonológica pode concorrer para modificar este quadro?

CAPOVILLA - Certamente, uma vez que a instrução metafonológica leva a uma aquisição mais rápida e mais competente de leitura e escrita. Por exemplo, nas classes de escolas públicas que nosso grupo tem acompanhado durante a capacitação de professores, 90% dos alunos de 1ª série chegam ao final do ano conseguindo produzir e compreender textos bastante complexos, o que surpreende as próprias professoras e diretoras. Conseguindo um desempenho tão bom dos alunos ao final da 1ª série, é possível dar prosseguimento à escolarização “de fato”, isto é, com alunos que tenham desenvolvido as habilidades básicas de leitura e escrita indispensáveis para o domínio do conteúdo escolar nas séries seguintes, diminuindo consideravelmente o triste, mas infelizmente comum quadro em que alunos de 3ª ou 4ª série mal sabem ler e escrever palavras ou frases simples.

A.G.R.A - É possível trabalhar com a consciência fonológica diante dos Parâmetros Curriculares Nacionais do MEC?

CAPOVILLA - Ao contrário do que é re-

comendado por países como Estados Unidos, França e Inglaterra, no Brasil ainda é sugerido o método global de alfabetização. Nossos Parâmetros Curriculares Nacionais focalizam o ensino de leitura e escrita a partir do texto, contrariando as últimas pesquisas internacionais que mostram a importância do ensino das correspondências entre letras e sons e da consciência fonológica. Assim, ao contrário dos professores ingleses, franceses, alemães ou norte-americanos, os professores brasileiros não encontram respaldo nos parâmetros oficiais para trabalhar com a consciência fonológica.

A.G.R.A - Que perspectivas a senhora vê para a abordagem da consciência fonológica a médio prazo em nosso país?

CAPOVILLA - Como já ocorreu em inúmeros países anteriormente citados, o Brasil está passando por um fenômeno de queda progressiva das habilidades de leitura e escrita de seus alunos. Infelizmente, até agora poucas pesquisas científicas foram feitas para identificar as causas de tal queda. Isso, certamente, está atrasando a introdução das atividades fônicas e metafonológicas em nosso currículo oficial. Porém, como os países mais desenvolvidos em termos de educação já adotaram tais atividades, estou certa de que o Brasil, mais cedo ou mais tarde, também as adotará como parte de seu currículo oficial. Quando os pesquisadores e formadores de professores começarem a buscar na bibliografia científica internacional o que está sendo feito de mais recente na área da alfabetização, perceberão que os países desenvolvidos já abandonaram há muito tempo o método global de alfabetização. É necessário que professores e formadores de professores estejam abertos para continuamente aperfeiçoarem seus métodos de ensino, deixando de lado o seguimento irracional a teorias e adotando a análise crítica baseada em pesquisa. Foi isso o que os países desenvolvidos fizeram. Certamente esse será também o futuro do Brasil e, para o bem de nossos alunos, espero que este futuro esteja bastante próximo.